

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

ANA CLÁUDIA KAUER CAMBRUS

**A COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR
NO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO /RS**

Tapejara

2017

ANA CLÁUDIA KAUER CAMBRUS

**A COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR
NO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO /RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fabiana Thomé da Cruz

Coorientadora: Me. Jaqueline Patrícia Silveira

Tapejara, 2017

ANA CLÁUDIA KAUER CAMBRUS

**A COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR
NO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO /RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 24 de Novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Fabiana Thomé da Cruz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
(Orientadora)

Prof. Dr. Glauco Schultz – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Paulo Waquil – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para superar todos os obstáculos e chegar até aqui.

Aos meus familiares, pelo apoio, incentivo incondicional e paciência, em especial minha filha Mariane, que tinha 2 anos quando iniciei o curso e ao final deste ano, com 6 anos de idade, estará formada na Pré-Escola.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por essa oportunidade maravilhosa de consolidar minha formação acadêmica e a realização de um sonho.

Aos colegas, pelo apoio, amizade e companheirismo durante esses anos.

Aos tutores que transmitiram seus conhecimentos, nos apoiaram e incentivaram em nossa caminhada acadêmica.

E a todos que participaram direta ou indiretamente da minha caminhada durante o curso, meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho, que apresenta como temática a comercialização de alimentos pela agricultura familiar no município de Vila Lângaro /RS, propõe-se a fazer uma abordagem exploratória sobre agricultores/as que comercializam alimentos produzidos e processados em suas pequenas propriedades. O trabalho aborda também as dificuldades e desafios para a realização de cada edição da feira realizada no município de Vila Lângaro. Para abordar tais questões, foram realizadas entrevistas com os produtores e agentes de comercialização do município. Os resultados evidenciam que há, em Vila Lângaro, diferentes circuitos curtos de comercialização para os produtos da agricultura familiar, sendo que, destes, merece destaque a feira local que, tendo sido criada recentemente, desempenha importante papel não apenas para a comercialização, mas também para o reconhecimento desses produtos que, muitas vezes, não são reconhecidos pelo varejo tradicional (mercado e supermercados). Há uma troca mediante a aquisição dos produtos: valorizar a comercialização de produtos da agricultura familiar, produzidos artesanalmente e propiciar o convívio e a troca entre os envolvidos, sejam eles os expositores, os consumidores ou aqueles que só vão para conhecer a feira. Em geral, os consumidores buscam, nessa modalidade de comercialização, qualidade, diversidade e variedade de produtos e alimentos onde cada um, da sua maneira, produz alimentos com um diferencial pelo seu sabor e por serem alimento direto do produtor. A feira acaba tomando estatus de um centro de comercialização de produtos da agricultura familiar.

Palavras-chave: Feirantes, agricultura familiar, comercialização.

RESUMEN

El presente trabajo, que presenta la temática la comercialización de alimentos por la agricultura familiar en el municipio de Vila Lângaro /RS, se propone hacer un abordaje investigativa sobre agricultores/as que hacen la comercialización de alimentos producidos en sus pequeñas propiedades. El trabajo aborda también las dificultades y desafíos para la realización de cada edición de la feria en el municipio de Vila Lângaro. Para abordar tales cuestiones, fueron hechas encuestas con los productores y agentes de comercialización del municipio. Los resultados evidencian que hay, en Vila Lângaro, diferentes circuitos curtos de comercialización para los productos de la agricultura familiar, siendo que, de estos, merece destaque la feira local que, fue creada recientemente, desarrolla importante papel no solamente para la comercialización, pero también para el reconocimiento de esos productos que, muchas veces, no son reconocidos por la venta al por menor tradicional (mercados y súper). Hay un cambio mediante la adquisición de los productos: valorar la comercialización de productos de la agricultura familiar, producidos artesanalmente y propiciar la convivencia y el cambio entre los envueltos, sean ellos los expositores, o consumidores o aquellos que solo van para conocer la feria. En general, los consumidores buscan, en esa modalidad de comercialización, calidad, diversidad y variedad de productos y alimentos donde cada uno, de su manera, produce alimentos con un diferencial por su sabor y por ser alimentos directo del productor. La feria acaba tomando estatus de un centro de comercialización de productos de la agricultura familiar.

Palabras clave: Feriantes, agricultura familiar, comercialización.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil Socioeconômico dos agricultores familiares que comercializam alimentos em Vila Lângaro/RS.....19

Tabela 2: Canais de comercialização utilizados pelos agricultores familiares que comercializam alimentos em Vila Lângaro/RS.....21

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: 3º Edição da Feira da agricultura familiar de Vila Lângaro/RS.....	23
Imagem 2: Alimentos comercializados na feira da agricultura familiar de Vila Lângaro.....	24
Imagem 3: Feira da Agricultura Familiar de Vila Lângaro/RS.....	24
Imagem 4: Artesanato comercializado pela Sra. Maura Secco, na 3º Edição da feira da agricultura familiar de Vila Lângaro/RS.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
IICA	Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SIM	Serviço de Inspeção Municipal
MapSan	Mapeamento de Segurança Alimentar e Nutricional nos Estados e Municípios
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural
OEA	Organização dos Estados Americanos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
3 METODOLOGIA E TIPO DE ESTUDO	16
3.1 Local de estudo.....	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1 Características dos agricultores familiares no município de Vila Lângaro-RS	18
4.2 Canais de comercialização utilizados pelos agricultores familiares	20
4.3 Oportunidades e desafios na comercialização na vida dos agricultores familiares do município	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para os agricultores familiares que produzem alimentos para comercialização no município de Vila Lângaro.	35
APÊNDICE B – Termo de Consentimento	36

1 INTRODUÇÃO

Principal responsável pela comida que chega às mesas das famílias brasileiras, a agricultura familiar responde por cerca de 70% dos alimentos consumidos em todo o País. As informações são do Portal do Governo Federal, 2015, que apresenta as seguintes informações: “O pequeno agricultor ocupa hoje papel decisivo na cadeia produtiva que abastece o mercado brasileiro: mandioca (87%), feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%) são alguns grupos de alimentos com forte presença da agricultura familiar na produção.”

Em julho de 2006, houve a publicação da Lei 11.326, que “Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.”. Conforme o artigo 3º da referida lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;
- IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

No município de Vila Lângaro, Rio Grande do Sul, a agricultura familiar destaca-se pela sua importância socioeconômica, pois é responsável por boa parte da produção de alimentos, além de contribuir para redução do êxodo rural, atuando ainda como fonte de recursos para famílias rurais, inclusive as de baixa renda.

Inúmeros são os estudos que apontam a produção familiar e a inserção em canais curtos de comercialização como uma alternativa ao desenvolvimento rural, sendo gerador de renda e patrimônio. Assim, a atual realidade de desigualdades no meio rural, concentração de terras nas mãos de poucos, gerando êxodo rural e falta de sucessão familiar, além da crescente tendência de criação de feiras da agricultura familiar e circuitos curtos, instigaram esta pesquisa sobre os circuitos curtos de comercialização de alimentos no município de Vila Lângaro.

A criação de circuitos curtos, como feiras de pequeno produtor, proporciona a redução do número de atravessadores para que os produtos cheguem ao consumidor final,

proporcionando ao agricultor maior renda, maior poder de barganha e proximidade com o consumidor final. Conforme Waquil, Miele e Schultz (2011. pg, 41), a inserção de agricultores em circuitos curtos de comercialização pode contribuir para que estes tenham melhor posição e controle da comercialização de seus produtos.

Segundo SIMABUKU (2014), no site do Portal do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), que é um organismo internacional, fundado em 1942, especializado em agricultura e bem estar rural vinculado à Organização dos Estados Americanos (OEA), “o marketing em “circuitos de proximidade” de alimentos frescos produzidos localmente e de forma sustentável, tornou-se um fator-chave para a competitividade de pequenos agricultores. Os produtores dos alimentos reduzem seus custos e os consumidores têm acesso facilitado a produtos mais saudáveis. Esses mercados são denominados de proximidade, orgânicos ou simplesmente feiras. O nome pode mudar de acordo com o país, mas o fato é que esses circuitos comerciais curtos fazem a diferença: reduzem ao mínimo a intermediação e unem oferta e demanda local de alimentos e tornam-se uma ferramenta para o desenvolvimento econômico e social dos territórios.” (SIMABUKU, 2014).

Considerando tais reflexões, esta pesquisa tem como tema a comercialização de alimentos em circuitos curtos, identificando como problemática de pesquisa a comercialização de alimentos oriundos da agricultura familiar no município de Vila Lângaro/RS. A partir desse tema, formula-se a seguinte questão: Qual a influência da comercialização em circuitos curtos para agricultores familiares de Vila Lângaro? Serão abordados os circuitos curtos de comercialização como: venda direta, programas federais e comercialização para supermercados e eventos.

Tendo em vista que muitas famílias agricultoras de Vila Lângaro produzem alimentos, em alguns casos já processados, e comercializam na modalidade de venda direta (porta-a-porta) e também deslocam-se ao município vizinho para comercializar em uma feira da agricultura familiar. É interessante investigar se a criação e/ou estruturação dos já existentes circuitos curtos de comercialização, desempenhariam um papel de manter o agricultor familiar no meio rural, atuando na diversificação e produção de alimentos e disposto a dar continuidade da atividade por meio da sucessão familiar.

Assim, esse estudo tem como objetivo geral identificar e analisar a influência da comercialização em circuitos curtos para agricultores familiares de Vila Lângaro-RS. Para tanto, os objetivos específicos são:

1. Caracterizar o perfil socioeconômico de agricultores familiares do município de Vila Lângaro-RS;
2. Identificar quais os canais de comercialização que vem sendo utilizados pelos agricultores familiares e outras possíveis iniciativas ou experiências utilizadas por estes;
3. Analisar a influência da comercialização de alimentos por meio de circuitos curtos para os agricultores familiares de Vila Lângaro-RS.

No que se refere à estrutura, além desta introdução, o presente trabalho está dividido em cinco capítulos. Em seguida, o capítulo 2 é destinado para a revisão de bibliografia; no Capítulo 3, é apresentada a metodologia do estudo. No capítulo 4 é feita a análise dos resultados e discussões. Para isso, o capítulo está dividido em três seções, que se referem, respectivamente, às características dos agricultores familiares no município de Vila Lângaro-RS, aos canais de comercialização utilizados pelos agricultores familiares e à influência da comercialização na vida dos agricultores familiares do município. Por fim, no capítulo 5, são apresentadas as considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para realização da presente pesquisa, inicialmente foi realizada revisão bibliográfica, visando aprofundamento no tocante aos circuitos de comercialização, sendo descrita nas seções a seguir.

Os mercados de circuitos curtos abrangem todo tipo de comercialização cujo produto é entregue diretamente ao consumidor, como entregas em domicílio, feiras livres e especializadas, eventos comerciais, venda na propriedade, entre outros. É considerado, também, como canal curto, os mercados que mobilizam até no máximo um intermediário entre produtor e consumidor, como vendas a partir de associações, cooperativas e pequenos mercados locais (CHAFFOTE, CHIFFOLEAU, 2007). Os mercados institucionais, criados por meio de ações de políticas públicas, podem ser considerados como canal curto, pois há apenas um intermediário e chegam ao consumidor via entidades. A comercialização nos circuitos curtos possui inúmeros desafios para os agricultores familiares como falta de mão de obra especializada, limitação de tempo, falta de investimento em estrutura e logística, entre outros (DAROLT, 2013).

Dentre as possíveis formas de inserção de produtos da agricultura familiar no mercado formal, os circuitos curtos, mesmo com os desafios apresentados e a necessidade de superá-los, evidenciam inúmeras vantagens estratégicas ao produtor, tais como: facilitar o escoamento da produção, estimular a autonomia dos agricultores, diminuir a presença de intermediários, movimentarem a economia local, gerar renda para o campo, relacionar e aproximar campo e cidade. Esse continua sendo um forte circuito curto de vendas do produtor diretamente ao consumidor. Esse tipo de mercado, além de baratear o preço dos produtos, pois elimina atravessadores, reaproxima o produtor do consumidor (MATTEUCCI, 2007).

Segundo o Mapeamento de Segurança Alimentar e Nutricional nos Estados e Municípios (MapSan) desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, divulgado em 2015, em que participaram da pesquisa 1.628 municípios brasileiros, 1.176 (72,2%) possuíam mercados de proximidade, em específico as feiras, totalizando 5.119 feiras livres no Brasil. Destas, 1.331 feiras são de produções agroecológicas e/ou orgânicas e estão presentes em 624 municípios (ARAÚJO, 2017. Pg. 21).

Nesse contexto as feiras da agricultura familiar, enquanto exemplo mais emblemático de circuitos curtos de comercialização, podem ser considerados vetores de transformações sociais ao oportunizarem aos agricultores familiares melhorias na renda e geração de empregos, além do desenvolvimento regional, respeitando sempre as particularidades da

região, quanto ao clima, demanda por determinado produto, estilo de vida e cultura predominante. Os circuitos curtos possibilitam tanto melhorias em aspectos sociais quanto permitem maior interação e proximidade entre o produtor e o consumidor. Nas palavras de Scarabelot e Schneider (2012),

(...) as cadeias agroalimentares curtas, que representam a interação da agricultura familiar com a dinâmica local do desenvolvimento. As cadeias agroalimentares curtas remetem a formas de comercialização que expressam proximidade entre produtores e consumidores, não única e necessariamente no aspecto espacial, mas a uma espécie de conexão que permita provocar interatividade, facilitando que ambos conheçam os propósitos um do outro. (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012. p. 103)

Para Scarabelot e Schneider (2012. p. 108), as feiras livres, conhecidas quanto a sua tipologia como “face a face”, “caracterizam-se pelas vendas diretas do produtor ao consumidor por meio de feiras, vendas em domicílio, casas coloniais e rotas de turismo”, e servem como ferramentas para construção da confiança mútua entre produtor e consumidor.

Para Santos (2014), circuitos curtos proporcionam maior proximidade com os consumidores, formando assim vínculos sociais. Conforme afirmam Santos et al. (2014, p. 697) “[...] a feira livre é um local de agregação, vivência e principalmente comunicação entre as pessoas.”

Levando-se em conta ainda que a atual preocupação com bem-estar e consumo de alimentos de qualidade vem apresentando crescente demanda, os autores apontam que,

As modificações que estão ocorrendo no perfil demográfico e no nível de renda da população mundial continuarão a provocar um aumento da demanda por alimentos que constituam novos apelos à saúde. Seguindo a tendência mundial da alimentação saudável, e visando à busca de bem-estar, de qualidade de vida e de saúde, (...). (WAQUIL; MIELE; SCHULTZ, 2011, p. 41)

Os mercados locais e canais curtos de comercialização têm ganhado destaque, e tem sido importante alternativa para os agricultores familiares, no tocante a sua notabilidade e valorização, bem como uma alternativa para o desenvolvimento rural e a economia local, além de contribuir para aspectos sociais e culturais. Esses mercados possibilitam ainda a formação de redes de comercialização solidária, como cooperativas. Para Sepulcri e Trento (2010, p. 18) “os circuitos curtos de comercialização para os produtos de agricultura familiar são: feiras livres e do produtor, comércio sobre caminhões, comércio local, sacolões, intermediários, cooperativas, venda direta para redes varejistas (supermercados e hipermercados), atacadistas e agroindústrias.”. Ainda, segundo os mesmos autores,

Os mercados locais despontam como importante estratégia no processo de comercialização dos agricultores familiares que, muitas vezes, são menosprezados no processo de comercialização, pois muitos produtos são oriundos de outras regiões. Para tanto, esses mercados devem ser construídos através de redes de movimentos sociais, redes de vizinhanças e familiares, redes de organizações cooperativas e não cooperativas, parcerias e alianças. (SULCRI; TRENTO, 2010, p. 19)

Devido à diversificação de produção da agricultura familiar, os circuitos curtos de comercialização indicados seriam as feiras municipais, cooperativas locais, supermercados locais, feiras livres e até mesmo circuitos de turismo rural. Os agricultores podem também ser inseridos em circuitos curtos de comercialização institucionais, como é o caso do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outros. Nessa perspectiva, tanto os circuitos curtos de comercialização como as feiras locais podem ser considerados como uma ação social. Segundo Sales (2011),

(...) a feira livre passa a ser percebida como uma ação social de grande valor para a comunidade, pois, além de um patrimônio cultural da cidade e um canal de comercialização diferenciado, ainda oferece uma alternativa econômica e social para muitos pequenos proprietários rurais. Além disso, quando entendida como um negócio, este canal de comercialização passa a representar um forte instrumento de políticas públicas e um grande gerador de emprego e renda para o município. (SALES et al., 2011, p. 13).

Desse modo, é possível considerar, quanto a circuito curto de comercialização, a feira como uma das muitas alternativas que contribuem para desenvolvimento rural local, bem como ao município e a população em geral, promovendo a valorização dos aspectos culturais, melhoria na qualidade de vida, também por meio da disponibilidade de alimentos frescos a preço acessível à população, gerando renda para as famílias, e melhoria nas relações urbano/rural, sem a necessidade de deslocamento para outro município.

Quanto aos aspectos socioeconômicos, segundo Scarabelot e Schneider (2012),

A noção de desenvolvimento local tem sido compreendida como a implementação de ações em territórios que oportunizem participação ativa do cidadão, o controle social sobre a gestão pública através do fortalecimento e empoderamento de grupos sociais antes excluídos nas esferas de tomada de decisão. Ao considerarmos que esse conceito pressupõe a inclusão social, o fortalecimento da economia local através da geração de riquezas econômicas com melhoria da qualidade de vida associada à justiça social e ao uso sustentável dos recursos naturais, torna-se muito evidente a sua relação com a noção de cadeias agroalimentares curtas. (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012, p. 120).

As feiras livres englobam outros aspectos, proporcionando assim um novo olhar sobre a economia local e sobre questões ligadas à gastronomia local, a saúde, e a segurança alimentar e nutricional. Nesse sentido, Scarabelot e Schneider (2012), afirmam:

Uma das consequências desse processo que se consolida com as cadeias agroalimentares curtas é que elas acentuaram a dinamização tanto da economia urbana como da rural, favorecendo a acumulação de capital no município por meio da sinergia de ações associadas ao turismo gastronômico, étnico e cultural que por sua vez reivindica o incremento à produção e comercialização de alimentos típicos com qualidade diferenciada. (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012, p. 121).

Sendo assim, os circuitos curtos estão diretamente ligados a melhorias nos aspectos socioeconômicos das famílias inclusas nesses canais de comercialização, promovendo a permanência no campo, a sucessão familiar, o empoderamento social, entre outros. Além disso, no que se refere à agregação de renda, a propriedade alcança melhoria a nível local, o que implica considerar que o desenvolvimento rural atua no fortalecimento de sistemas locais e a integração dos variados sistemas existentes.

Com a presente pesquisa, buscam-se respostas quanto ao papel da comercialização em circuitos curtos de comercialização para os agricultores familiares de Vila Lângaro. Considerando que, no contexto de Vila Lângaro, a recente feira da agricultura familiar local se apresenta como uma forma adicional de relacionamento do agricultor familiar com o consumidor, este estudo procura entender tanto essa feira como outros circuitos curtos de comercialização que, como a literatura indica, possibilitam, entre várias outras vantagens, a troca de experiência e a aproximação entre produtores e consumidores.

No Capítulo seguinte será descrita a metodologia utilizada para o respectivo estudo.

3 METODOLOGIA

O presente estudo, de caráter exploratório, utilizou o método qualitativo para a pesquisa. Segundo Gil (2007, p. 17),

pesquisa é definida como o (...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Esse trabalho aprofunda-se com algum tipo de problema ou indagação. Nesse contexto, iniciou-se a pesquisa. Considerando ainda que, segundo esse autor, a metodologia consistiu no caminho que se escolhe para chegar ao resultado que a pesquisa buscava.

A pesquisa realizada no presente trabalho, quanto ao objetivo, pode ser classificada como exploratória e descritiva, pois foi realizada análise da comercialização de alimentos da agricultura familiar no município de Vila Lângaro /RS, considerando que, quanto à abordagem pode ser classificada como abordagem direta, mediante a aplicação de entrevistas.

Ainda segundo Gerhardt e Silveira (2009), as pesquisas qualitativas buscam explicar e compreender os grupos sociais ou organizações de maneira mais profunda, tendo assim sua própria metodologia e onde o pesquisador se torna objeto da pesquisa, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador se torna objeto da pesquisa. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32)

A utilização desse método se justifica devido ao fato de que se buscava investigar os principais aspectos socioeconômicos que são afetados com a inserção em circuitos curtos, como a feira de pequeno produtor, e de acordo com o objetivo geral, “Identificar e analisar a influência da comercialização em circuitos curtos para agricultores familiares de Vila Lângaro-RS.”

O estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo, mediante a observação e aplicação de entrevista, formadas por perguntas abertas e sendo realizada com agricultores familiares que comercializam alimentos por meio de circuitos curtos no município de Vila

Lângaro/RS. Considerando que no roteiro de entrevistas busca-se maior compreensão dos fatos e percepção os sentimentos e motivações dos entrevistados, tem-se assim uma lista de perguntas dando vazão a desdobramentos e até perguntas não previstas, tem-se a oportunidade de ouvir muito além do que se espera quando as perguntas são fechadas (MARCONI; LAKATOS, 1996).

Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas cinco famílias de agricultores familiares que comercializam alimentos por meio de circuitos curtos no município de Vila Lângaro. As entrevistas aconteceram durante o mês de setembro de 2017. Os participantes da pesquisa foram entrevistados (conforme roteiro de entrevista presente no Apêndice A) e as entrevistas foram agendadas previamente. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Quanto aos aspectos éticos, ressalta-se que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice B. E em relação à identificação dos entrevistados, todos permitiram que fossem usados seus nomes.

3.1 O local de estudo

Segundo informações obtidas no site da Prefeitura do município (www.vilalangarors.gov.br), dados informados pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), referentes ao município de Vila Lângaro-RS, censo realizado no ano de 2010, apontam que a população estimada em 2017 é de 2.230 habitantes. Sua área territorial é de 152,17 Km² e densidade demográfica de 14,14 hab/km. O relevo da região é caracterizado por Planaltos e Planícies, ocorrência de Floresta Umbrófila Mista, e clima temperado, e os acessos ao município se dão pela RS 463 via Tapejara ou Coxilha (VILA LÂNGARO, 2017).

A maioria da população do município é descendente de imigrantes italianos, tendo também algumas famílias de descendentes de alemães. O município é essencialmente agrícola e possui 20 anos de emancipação político-administrativa. A região possui economia baseada na produção de grãos e pecuária leiteira, utilizando tecnologias variadas nas suas práticas agrícolas e pecuárias, possui pastagens plantadas em boas condições, boa produção leiteira e muitos estabelecimentos rurais possuem trator e algum tipo de maquinário, apresentando destaque na produção de monoculturas (VILA LÂNGARO, 2017).

No que se refere ao histórico do município, segundo informações do site da Prefeitura do municipal, a colonização no município ocorreu por volta de 1889, com a chegada dos

imigrantes italianos, oriundos de Antonio Prado e Caxias do Sul, provenientes da região de Vicenza, Itália. A região foi colonizada pelos irmãos Lângaro, que adquiriram as terras de Antero Boeira. (Vila Lângaro, 2017). Era denominado Distrito de Colônia Lângaro, pertencente ao município de Tapejara. Em julho de 1993, iniciaram-se as primeiras reuniões e encaminhamento do processo de emancipação e, em 28 de dezembro de 1995 o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Senhor Antônio Britto, assinou a Lei nº 10.661, a qual criou o município de Vila Lângaro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Características dos agricultores familiares no município de Vila Lângaro-RS.

Quanto à caracterização dos agricultores familiares do município, destaca-se que Vila Lângaro é um município essencialmente agrícola. Os cultivos predominantes são o milho e a soja, mas cultiva-se também, dentre outras culturas, o trigo e a cevada. A pecuária fundamenta-se na produção de leite, criação de suínos, frangos, gado de corte, e na piscicultura. Em sua maioria, a agricultura é formada de pequenos agricultores que vivem em suas propriedades e trabalham em sistema de agricultura familiar.

Os agricultores que participam da feira de Vila Lângaro e do município vizinho cultivam soja, milho e os alimentos que serão comercializados na feira. Produzem queijo, ovos de galinha e de codorna, galinhas caipira, abatidas vendidas congeladas; legumes, verduras, frutas; pães, bolachas e similares. Todos os alimentos são produzidos em suas propriedades e com mão-de-obra familiar apenas.

Os agricultores participantes desse estudo têm idade entre 30 e 60 anos, são donos das propriedades onde vivem e produzem. Os mais velhos tem menos escolaridade dos que os mais jovens, o que, segundo os entrevistados, é explicado devido ao difícil acesso que tiveram ao estudo. Os dados referentes à escolaridade, idade, número de residente e tamanho da propriedade estão representado na Tabela 1.

Muitos entrevistados relataram que trabalham durante o dia com diversas atividades como tirar leite, plantio e colheita da produção de grãos, e, também se dedicam à produção do que vendem no município.

É importante salientar que dos cinco entrevistados, somente um relatou que tem auxílio ou acompanhamento de órgãos ou setores de apoio para o desenvolvimento da propriedade em relação à produção e qualidade agregada ao produto. Este recebeu auxílio através de uma linha de financiamento conhecida como “Mais alimento”, obtida com de cadastro na Emater/RS, sendo liberado o valor através do Banco do Brasil. Os demais referem que bancam as despesas sem auxílio.

As áreas de terra dos entrevistados não ultrapassam 35 ha, considerando que apenas uma propriedade possui essa área, as demais ficam abaixo de 5 há, caracterizando assim que maioria das famílias, a produzem para comercialização em pequenas áreas.. A renda obtida pela maioria dos que residem no município provém do trabalho realizado em família, pois não têm empregados envolvidos nas atividades.

Tabela 1: Características dos agricultores familiares estudados

Entrevistado	Idade	Escolaridade	Número de Residentes na Propriedade	Tamanho da Propriedade
SILVANIA	49	Superior- Pós Graduanda	04	35 ha
ELEANDRO	27	Superior	03	4,5 ha
ANDERSON	29	Superior	05	0,7 ha
MARIA	57	4º Ano Ens. Fundamental	02	2 ha
MAICON	30	Superior Incompleto	1	5 ha

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Não se tem casos de pessoas ou famílias que vivam à beira da miséria, nem informação de casos de extrema pobreza. As famílias que comercializam por meio de circuitos curtos e também na feira de Vila Lângaro e região vivem em propriedades das quais são proprietários.

O motivo que levou os produtores a optarem pela comercialização dos produtos em circuito curtos, no município é o contato direto com o consumidor, a não exigência de selos ou registro. Os agricultores familiares comercializam no município de Vila Lângaro e em municípios vizinhos. Alguns afirmam que pretendem continuar e ampliar o negócio, fazendo disso a sua renda principal. Outro aspecto importante é a questão do gênero, principalmente no que se refere à divisão de tarefas na propriedade. Nesse sentido, a mulher, sozinha, é responsável pelos afazeres de casa, da produção para comercialização, auxilia a família nos mais diversos trabalhos e, ainda, é responsável pela comercialização, pesando bastante na questão do tempo que sobra para cuidar de si e dos produtos fabricados por elas para a comercialização. Percebe-se ainda que, em alguns casos, tanto a mulher quanto o homem temem que o avanço da idade não dê mais condições de dar continuidade a esse trabalho de produzir sozinhos.

Outro dado interessante é o município não ter implantado o Serviço de Inspeção Municipal (SIM), pois dentre os agricultores familiares entrevistados, existem duas famílias que estão há certo tempo tentando conseguir a legalização para instalarem futuramente uma agroindústria na propriedade, o que ampliaria os canais de comercialização para estas famílias e para o município. Sendo este um fator de grande importância, e barrando a expansão da comercialização no município.

Por isso, alimentos de origem animal produzidos não podem ser inspecionados no município, gerando insegurança quanto à fiscalização sanitária, que ainda não é realizada nos alimentos comercializados, porém, futuramente poderá inviabilizar a comercialização dos alimentos, uma vez que mediante a fiscalização sanitária, para comercialização de alimentos de origem animal existe a obrigatoriedade de selo de inspeção. Este um fator que poderia comprometer a variedade de produtos oferecidos atualmente na feira da agricultura familiar local, que vem sendo importante forma de comercialização utilizada pelos entrevistados nesta pesquisa.

4.2 Canais de comercialização utilizados pelos agricultores familiares

Antes de a feira ser implantada no município de Vila Lângaro, o canal de comercialização mais utilizado era a modalidade porta a porta, salvo algumas exceções de famílias que já comercializavam na feira da agricultura familiar do município vizinho e para supermercados, agregando agora a comercialização por meio de venda direta na feira em Vila Lângaro. Recentemente, foi criada a feira da agricultura familiar em Vila Lângaro. Todos os agricultores entrevistados realizam a venda de seus produtos nessa feira, já que residem no município. A escolha dos produtos vendidos por eles nas mais variadas formas de venda se deram devido ao conhecimento de cada um nas receitas e também por não haver a oferta desses produtos nos mercados locais.

Os agricultores familiares entrevistados comercializam no município de Vila Lângaro e em municípios vizinhos, nas modalidades, venda porta a porta e em feiras. Alguns afirmam que pretendem continuar e ampliar o negócio, fazendo disso a sua renda principal. Os dados referentes aos canais de comercialização utilizados por estes, locais de comercialização e perspectivas quanto à comercialização, estão sistematizados na tabela apresentada a seguir (Tabela 2).

Tabela 2: Canais de comercialização utilizados pelos agricultores familiares que comercializam alimentos em Vila Lângaro/RS.

Entrevistado	Canais De Comercialização	Onde Vendem	Pretende Ampliar A Produção E Comercialização
SILVANIA	Porta a porta, Feira da agricultura familiar	Feira de V. Lângaro	Não sabe
ELEANDRO	Porta a porta, Feira da agricultura familiar, Supermercados	Feira de V. Lângaro, Supermercados de Tapejara, porta a porta.	Sim
ANDERSON	Venda direta e mediante encomendas	Feira de V. Lângaro, Feira de Tapejara, Supermercados de Tapejara, porta a porta, eventos em geral.	Sim
MARIA	Porta a porta, Feira da Agricultura familiar	Feira de V. Lângaro	Não
MAICON	Supermercados, porta a porta, eventos	Feira de V. Lângaro, Supermercados de Tapejara, porta a porta, eventos em geral.	Sim

Fonte: Elaborado pela autora. 2017.

Alguns dos agricultores familiares relatam que sentem que o cansaço e a falta de mão de obra atrapalham a continuidade da produção, visto que, como explicam um os feirantes, “a idade vai pesando e a saúde começa a ficar comprometida”. Alguns realizam a venda dos produtos em mercados da cidade vizinha, 17 km de distância, em dias de feira e também em mercados por meio de encomendas e também porta a porta, no município de Vila Lângaro e no município vizinho (Tapejara). A pesquisa mostra ainda que apenas 3, das 5 famílias entrevistadas, pretendem aumentar a comercialização, aderirem a novos circuitos curtos de comercialização e tornar essa comercialização em circuitos curtos, sua principal renda.

Observou-se ainda que ocorre a comercialização de ovos de codornas *in natura* e em conserva, ovos de galinha caipira, frangos caipira congelado, pães caseiros, tortéi, bolachas, *cupcakes*, bolos, queijos, tomate, pepino, mandioca, saladas, feijão, bata doce, geleias, chás, etc. Alguns fazem a venda em Tapejara, em uma feira da agricultura familiar, sendo realizada na praça central, e também realizam a venda porta a porta para clientes fidelizados e em supermercados mediante encomenda.

Além disso, circuitos de comercialização como PNAE (Programa Nacional De Alimentação Escolar) e PAA (Programa de Aquisição de Produtos da Agricultura) se apresentam como oportunidades de inserção em mais circuitos curtos de comercialização e agregação de renda a estas famílias, não sendo ainda utilizado por nenhuma das entrevistadas. Esses, entre outros programas, dependendo da perspectiva de ampliação de cada agricultor, poderiam ser uma venda garantida e fidelizada, já que o município conta com uma escola estadual e outra municipal, ambas na sede, com alunos de todo o município, em dois turnos vespertinos, e no caso da escola estadual, com refeições diárias servidas aos alunos, além do lanche servido em horário normal de cada turno.

A seguir, serão apresentadas algumas imagens de um dos canais de comercialização utilizados pelos agricultores familiares de Vila Lângaro, a feira da agricultura familiar local, que ocorre uma vez a cada mês.

Figura 1: 3º Edição da Feira da agricultura familiar de Vila Lângaro/RS.



Fonte: Ana Cláudia Kauer Cambrus, 2017.

Com isso, os circuitos curtos apresentam nova alternativa de ganho e aumento da renda familiar. A renda obtida com os produtos comercializados na feira ajuda nas despesas da casa, compras extras e ainda auxilia na aquisição de matéria prima para a fabricação de

alguns produtos. Nas Figuras 2 e 3, podem ser visualizados alguns dos produtos comercializados pelos agricultores familiares de Vila Lângaro/RS.

Figura 2: Alimentos comercializados na feira da agricultura familiar de Vila Lângaro.



Fonte: Ana Cláudia Kauer Cambrus, 2017.

Figura 3: Feira da Agricultura Familiar de Vila Lângaro/RS.



Fonte: Ana Cláudia Kauer Cambrus, 2017.

Quem planta, colhe, comercializa e acaba sendo agente de transformação. Essa forma de comercialização estimula o agricultor familiar a produzir, gerando renda e, conseqüentemente, qualidade de vida. A feira é no momento o canal curto eficaz e disponível para os pequenos agricultores de base familiar comercializar seus produtos. É o canal de distribuição distinto dos outros. O relacionamento direto com o público consumidor proporciona vínculos sociais, oferecendo oportunidade de troca de conhecimento e também para o contato direto, promovendo negociações entre produtor e consumidor final.

A comercialização em circuitos de proximidade remete a questões que vão além do financeiro, onde o consumidor e produtor se encontram para manutenção de vínculos sociais, e de afeto, encontro e conversas, questões essas, consideradas mais importantes aos usuários de tais canais de comercialização. Além da comercialização não apenas de produtos, mas sim de alimentos produzidos com carinho, dedicação e paixão, sendo este um diferencial existente apenas em circuitos curtos de comercialização.

Em seguida, é apresentada a seção que abordará as oportunidades e desafios levantados pelos agricultores envolvidos na pesquisa.

4.3 Oportunidades e desafios com a comercialização na vida dos agricultores familiares de Vila Lângaro/RS

As fontes de rendas relatadas pelas famílias entrevistadas evidenciam que a renda principal é oriunda da produção de grãos como soja, trigo, milho, produzidos para a venda em cooperativas, empresas cerealistas e produtos para consumo. A renda obtida com os alimentos comercializados por meio de circuitos curtos locais contribui nas despesas da casa, compras extras e ainda auxilia na aquisição de matéria prima para a fabricação de novos produtos, atuando assim, de forma complementar. Havendo ainda relatos de algumas mulheres entrevistadas, que o dinheiro ganho com a comercialização dos alimentos que ela produz, é destinada para suas próprias “despesas de mulher”.

O motivo que leva aos produtores optarem pela comercialização dos alimentos, além do aumento da renda, é o contato direto com o consumidor, a não exigência de selos ou registro. Muitos deles vendem o excedente da produção. Outra questão é a oferta ser menor que a demanda, apresentando assim uma importante perspectiva quanto a ampliação da comercialização. Com relação à comercialização na feira da agricultura familiar local, como é começo, não se tem a exata noção de consumo dos produtos já que a cada edição da feira os consumidores estão conhecendo os produtos, provando e aprovando ou não.

Na modalidade face a face, todos os entrevistados relatam o quanto esse circuito curto de comercialização é positivo e contribui com o aumento na renda da família. Quanto à feira da agricultura familiar local, todos relatam estar participando de um evento que está no começo, sendo eles os pioneiros. A feira ainda não tem um lugar fixo. Às vezes acontece no espaço dedicado a competições esportivas do município, às vezes no Centro de Tradições Gaúchas, todos na sede do município. Inicia pela parte da manhã e segue durante o dia todo, encerrando no horário comercial.

Os produtos *in natura* comercializados são os hortifrutigranjeiros, ovos de galinha e de codorna, galinhas caipira. Também há alimentos processados como o queijo, ovos de codorna em conserva e as bolachas.

As perspectivas dos entrevistados, para o futuro da propriedade e da família são de entusiasmo por parte de alguns e de incerteza para outros. Os entusiastas relatam intenção de ampliar ou melhorar a produção e local onde produzem; os que demonstram incerteza, falam que não sabem até quando vão continuar produzindo.

A motivação a entrar na feira, como inserção em novo circuito curto de comercialização, veio do convite da Emater e da Secretaria da Agricultura local que sabia que esses agricultores já produziam e comercializavam seus produtos, porém ainda não havia uma feira para a comercialização. Em relação à inserção em mais um circuito curto de comercialização, a feira no caso, todos concordam que a idéia foi muito bem recebida e que pretendem continuar, tendo em vista que há bastante tempo, buscavam a estruturação de um canal curto de comercialização no município de Vila Lângaro, culminando com a implantação da feira da agricultura familiar local.

Com essa pesquisa, percebe-se que os circuitos curtos de comercialização são o marco entre oferta e demanda de alimentos e a criação de vínculos entre produtor e consumidor local e da região, possibilitando a interação entre esses elos. Ainda não é do conhecimento dos agricultores envolvidos com a pesquisa, nenhum tipo demanda para comercialização em mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), por meio de chamadas públicas para escolas, hospitais, entre outros, o que promoveria aumento de consumo e comercialização da produção dos agricultores familiares, além da expansão nas formas de venda e oportunizando a permanência do jovem no campo e a sucessão familiar.

Quanto às características da feira da agricultura familiar local, é tudo muito simples e cada produtor organiza seu espaço, colocando seus produtos sobre as mesas para facilitar a visualização dos consumidores. Para que haja boa participação dos consumidores, foi escolhido realizar a feira uma vez ao mês, sempre em dias de encontro da Terceira Idade, que acontece no Ginásio Poliesportivo, ao lado da feira, e não fecha ao meio dia, possibilitando a visita e aquisição de alimentos por partes dos consumidores que tem apenas esse horário livre. Quem organiza e divulga a feira é a EMATER/RS, mas, a feira conta com o apoio do poder público municipal. Não existe algum tipo de incentivo financeiro para tal. Somente o convite e estímulo por parte dos organizadores e apoiadores da feira. E todos são desafiados em

persistir para dar continuidade, chamando a atenção de mais agricultores que também poderiam participar.

Quanto a questão de logística, o fato de estarem recentemente sendo inseridos na feira da agricultura familiar local, contribui de forma positiva, onde o consumidor vem até os produtores. Aumentando assim o número de consumidores, e o alcance de seus produtos, reduzindo a distância antes percorrida até as residências dos consumidores.

Percebe-se que há muito ainda por se fazer. Existe muito a se explorar. Como por exemplo, ampliar o leque de produtos que podem ser comercializados pelos que foram entrevistados, e por outros agricultores familiares que comercializam somente na modalidade face a face, e ainda não estão participando da feira, sendo estes agricultores familiares que utilizam apenas um circuito curto de comercialização, respectivamente porta a porta. Muito ainda pode ser produzido como: geléias de frutas, conservas, embutidos, doces e salgados caseiros e muito mais.

Falta também oferecer cursos, qualificação e treinamento aos agricultores familiares, para que haja maior qualidade no processamento, acondicionamento, embalagem dos produtos que são expostos e comercializados e sejam levadas maiores informações referentes à produção, boas práticas, baixo desperdício de matéria-prima, contabilidade, entre outros, reduzindo seus custos e para que os agricultores familiares possam obter maior renda com a comercialização, bem como, aumentar a produção e seguir atuando em circuitos curtos de comercialização, além de se inserirem em novos circuitos curtos, e para que os consumidores tenham acesso facilitado a produtos de qualidade e mais saudáveis.

A feira da agricultura familiar local, quanto a novo circuito curto de comercialização, sendo recentemente utilizados pelos entrevistados, se apresenta como uma alternativa para a elevação da agricultura familiar, explorando novas oportunidades de consumo e comercialização de produtos alimentares e reflete no crescimento de alternativas de renda para as famílias dos agricultores envolvidos na atividade.

As feiras são o mercado livre de produtos provindos da agricultura familiar e ajuda a garantir retorno econômico às famílias agricultoras, oferecendo espaço comum para os consumidores que buscam produto com sabor diferenciado e com sabor peculiar do produto caseiro. Os demais circuitos curtos de comercialização, como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) são importantes e podem ser considerados como grande oportunidade de retorno financeiro. Porém ainda são pouco conhecidos pelos agricultores familiares entrevistados, e por este motivo nenhum deles utiliza tais canais curtos.

Nesse cenário se constituem como ferramentas importantes, tanto no papel que a comercialização pode vir a desempenhar na renda destas famílias, quanto contribuindo para a sucessão familiar. Onde a comercialização em circuitos curtos num cenário institucional, se tornaria a renda principal para estas famílias, promovendo a permanência do jovem na propriedade.

Alguns já realizam as vendas de seus produtos porta a porta, venda em eventos, em mercados da cidade vizinha que também agregam renda, porém, nem todos conseguem suprir a demanda e também não dispõem de tempo ou subsídio para aumentar a produção. As oportunidades oferecidas aparecem como uma alternativa para o crescimento da agricultura familiar, descobrindo novas tendências de consumo e comercialização de produtos alimentícios, com diferentes públicos, desafiando assim a uma ampliação tanto de produção quanto de conhecimento do consumidor.

Por fim, antes de encerrar esta seção, cabe mencionar um fato curioso que ocorreu durante a presente pesquisa. Trata-se da senhora Maura, agricultora familiar do município que, ao me ver realizando a pesquisa, veio até mim, relatando que tinha muito interesse em participar da pesquisa, pois ela também comercializa produtos e é agricultora familiar, porém pelo fato de ela trabalhar com a produção de artesanato, e não de alimentos, não se enquadrou no público alvo da pesquisa. Porém, vale relatar aqui o interesse que ela demonstrou em fazer parte de um estudo relacionado a canais de comercialização, contando que devido á seu tempo ocioso e por ter conhecimento, ela trabalha na fabricação de artesanato a partir de material reciclado, como pneus, retalhos de tecidos, sobras de madeira, entre outros. Um trabalho que além de gerar renda contribui com o meio ambiente.

Na Figura 4 estão representados alguns dos trabalhos realizados pela Sra. Maura Secco, agricultora familiar local.

Figura 4: Artesanato comercializado pela Sra. Maura Secco, na 3º Edição da feira da agricultura familiar de Vila Lângaro/RS.



Fonte: Ana Cláudia Kauer Cambrus, 2017.

O interesse da agricultora pela pesquisa pode ser entendido como necessidade de reconhecimento e valorização do trabalho feito pela agricultura familiar, seja na produção de artesanato, seja na produção e processamento de alimentos. Isso indica que, tão importante quanto proporcionar, é manter circuitos curtos de comercialização para a agricultura familiar, é central também mostrar aos consumidores e ao município em geral, a qualidade e diferenciação dos produtos oriundos da agricultura familiar local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, foi possível perceber que a comercialização em circuitos curtos, de produtos provenientes da produção de agricultores familiares de Vila Lângaro, ainda depende de muitos avanços. Nesse sentido, pode-se citar a mão de obra, essencialmente centrada no núcleo familiar, a participação da família na atividade é limitada e a questão de gênero é uma barreira, visto que a mulher exerce múltiplas funções, os afazeres domésticos, até as atividades na lavoura que vão do plantio até a colheita e a comercialização na feira.

A falta de incentivos de parte dos órgãos públicos como cursos de qualificação, demanda por orientação em relação às exigências como a higienização e os cuidados na comercialização e o acondicionamento dos produtos comestíveis, programas que auxiliem desde a aquisição de materiais ou máquinas, até mesmo insumos, pesam negativamente para a comercialização. Além da falta de estruturação dos circuitos curtos de comercialização já existente e a apresentação aos agricultores familiares, de outros circuitos curtos ainda não utilizados por eles, atuam como entraves para o aumento da comercialização. O evidencia a falta de um elo que promova a aproximação entre os agricultores familiares e poder público, a

fim de, atender a demanda dos mesmos, quanto as suas expectativas relacionadas a comercialização, bem como a estruturação dos circuitos curtos e novas possibilidade de comercialização para estas famílias.

Mesmo tendo algumas dificuldades e desafios para atuarem na atividade, todos os agricultores entrevistados demonstram entusiasmo quanto à comercialização e a importância de se fortalecer e estarem inseridos nos de comercialização, como no caso da feira, a venda porta a porta, mercados, e eventos, citados ao longo desta pesquisa.

É importante salientar que os entrevistados enfatizaram que vão continuar na atividade de comercialização além da porta a porta (feira, supermercados, eventos, etc.), até que seja viável. No momento em que haja elevação nos custos e a rentabilidade diminua, vão parar, com certeza. Nesse sentido, a questão do planejamento é central, o que pode ser desenvolvido com o apoio a EMATER, visando à organização, preparação e logística desde a produção até a comercialização do produto e acompanhamento dos envolvidos com auxílio técnico, controle de produção, agregação qualidade ao produto, ações de apoio à agricultura familiar, etc. Além do papel do poder público quanto à qualidade de estradas visando melhorar as questões de deslocamento e logística para estas famílias.

Também, entende-se que é necessário que as famílias agricultoras busquem mais informações sobre políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, que levem em conta as diferenças apontadas e viabilize a continuação dos agricultores familiares nos respectivos circuitos curtos de comercialização, bem como a inserção em novos.

Aos órgãos responsáveis, é imprescindível que trabalhem formas de inserção da produção dos agricultores familiares em mercados locais e regionais, como EMATER, já que sua missão é referência na prestação de serviços de assistência técnica, extensão rural e social, classificação e certificação de produtos agropecuários, juntamente com o poder público municipal, incluindo instituições como as escolas e creches, incluindo o Programa de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do Governo Federal.

Quanto às feiras, como opção de um circuito curto de comercialização, com base nos resultados da pesquisa, se sugere visitar algumas feiras de outros municípios, onde outros agricultores produzem e vendem, para perceber como tudo funciona e se o produto que querem vender tem a qualidade e a “personalidade” necessária para ter sucesso naquela feira.

É necessário haver criatividade e paixão de parte dos agricultores familiares; pessoas gostam de ver paixão na forma como é vendido o produto. Para isso, valorizar aspectos como limpeza, boa disposição dos produtos e preços bem destacados tornam a banca mais atraente

para o consumidor. As feiras apresentam-se como importante veículo de sociabilidade e aproximação ente consumidor e produtor, promove o encontro e o fortalecimento de laços de amizade e confiança mútua, estando assim de questões financeiras.

Muito ainda há para se fazer. Porém, todos têm grande potencial e a tendência é do aumento do consumo e também da produção, entre outros, em que principalmente os circuitos curtos desempenham papel fundamental na comercialização de produtos oriundos de agricultores locais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, H. M. ; MARJOTTA-MAISTRO, M. C. **Contribuições das estratégias de marketing e do comportamento do consumidor para a construção do sistema alimentar de base ecológica.** REVISTA ESPACIOS. Vol. 38 (Nº 29) Ano 2017. Pg. 21. Internet 2017. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a17v38n29/17382921.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- BORGES, J, A, V. SANTOS, C, E, R. **O desenvolvimento sustentável nas pequenas propriedades agrícolas caracterizadas como agricultura familiar no Brasil.** Jun. 2013. Internet. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/semana_economia/2013/anais-2013/h02.pdf>.
- BRASIL. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. **Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.** Brasília, DF, Conselho Nacional de Saúde, 1996.
- CHAFFOTTE, L. & CHIFFOLEAU, Y. **Vente directe et circuits courts: évaluation, définition et typologie.** Les Cahiers de l’Observatoire CROC, Montpellier, p. 8. 2007.
- CARREIRO, N, M. **Feira chama atenção para importância da agricultura familiar.** Jornal Opção. Edição 1978 de 2 a 8 de junho de 2013. SEBRAE. Agro Centro-Oeste. 2013.
- DAROLT, M. R.; NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. **Circuitos Curtos de Comercialização de Alimentos Ecológicos: reconectando produtores e consumidores.** Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Revista Agriculturas. 1ed. Curitiba: Kairós, 2013, v. 1, p 139 -170.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA D. T. **Métodos de pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO de GEOGRAFIA e ESTATÍSTICAS (IBGE). **IBGE Cidades.** Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em 15 ago. 2017.
- IICA- Instituto Interamericano de Cooperação Para a Agricultura. Site. Disponível em: <<http://www.iicabr.iica.org.br>>. Acesso em: 18 nov. 2017.
- MATTEUCCI, M. B. A. **Comercialização e mercado para hortaliças orgânicas.** Goiânia-GO, 2007. Artigo da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: mbeatriz@agro.ufg.br. Acesso em 01. Nov. 2017.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MIELE, M. WAQUIL; P. D. SCHULTZ, G. **Organização industrial**. 2011. Série EAD. Editora UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad020.pdf>>. Acesso em 15. abr. 17.

PALM, J. L. **“O pessoal aqui não se interessa por este tipo de coisa, só na integração em suínos e aves”**: construção histórica da Feira Livre dos Produtores rurais e de agroindústrias familiares em Teutônia-RS (1985-2011). Mercados e agricultura familiar: interfaces, conexões, e conflitos. Série Difusão IEPE/UFRGS. Porto Alegre, 2013.

PORTAL DO GOVERNO FEDERAL. Internet, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>>. Acesso em 03. out. 2017.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, dos, S, M; FERREIRA, de J, D; SANTOS, L, R. **A feira livre como alternativa de geração de renda para agricultura familiar no município de Santo Estevão- BA**. In: VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales. Bahia. 2014. Disponível em: <<http://6cieta.org/arquivos-anais/eixo2/Margarete%20Silva%20dos%20Santos,%20Daise%20de%20Jesus%20Ferreira,%20Rosangela%20Leal%20Santos.pdf>>. Acesso em: 04. mai.2017.

SALES, A, P. REZENDE, L, T. SETTE, R, S. **Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais**. III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho - EnGPR. 20 a 22 de Novembro de 2011. João Pessoa/PB. Internet. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf>>. Acesso em 28. mai.2017.

SEPULCRI, O. TRENTO, E, J. **O mercado e a comercialização de produtos agrícolas**. Curitiba/ PR. EMATER. 2010.

SANTOS, dos, S, M; FERREIRA, de J, D; SANTOS, L, R. **A feira livre como alternativa de geração de renda para agricultura familiar no município de Santo Estevão- BA**. In: VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales. Bahia. 2014. Disponível em: <<http://6cieta.org/arquivos-anais/eixo2/Margarete%20Silva%20dos%20Santos,%20Daise%20de%20Jesus%20Ferreira,%20Rosangela%20Leal%20Santos.pdf>>. Acesso em: 04. mai.2017.

SCARABELOT, M. SCHNEIDER, S. **As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local – um estudo de caso no município de nova vенеza/SC**. 2012. Volume 15 – Número 20– Jan/Jun 2012 - pp. 101-1

SIMABUKU, J. **Circuitos curtos de comercialização beneficiam produtores e consumidores**. GEPAD. Agricultura familiar e Desenvolvimento Rural. PGDR. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Internet. dez. 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/agriculturafamiliar/index.php?formulario=noticias&metodo=0&id=30&url=Zm9ybXVsYXJpbz1ub3RpY2lhcYztZXRvZG89NCZpZD0mcGFnaW5hPTEmb3JkZW5hbWVudG9ub3RpY2lhcZ1UaXR1bG8mb3JkZW1ub3RpY2lhcZ0=&voltar=sim>>. Acesso em: 28. mai. 2017.

SIMABUKU, J. Resultados obtidos para: o marketing em “circuitos de proximidade” alimentos frescos produzidos localmente e de forma sustentável, tornou-se um fato chave para a competitividade de pequenos agricultores. Circuitos curtos de comercialização beneficiam produtores e consumidores. nov, 2014.

**VILA LÂNGARO. Site da Prefeitura Municipal de Vila Lângaro. 2017. Disponível em: <
<http://www.vilalangaro.rs.gov.br/2014/>>. Acesso em 15 ago. 2017.**

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS AGRICULTORES FAMILIARES QUE PRODUZEM ALIMENTOS PARA COMERCIALIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE VILA LÂNGARO.

1. Qual o número de residentes na propriedade, idade, escolaridade?
2. Tamanho da propriedade?
3. Quais as fontes de renda da família?
4. Quanto à comercialização representa na renda?
5. Onde você vende seus produtos? A modalidade porta a porta equivale a quanto da renda? E a comercialização na feira e na propriedade quanto?
6. O que os levou a escolha de determinado alimento para comercialização?
7. Quem é o responsável legal pela UPA?
8. Quais os tipos de alimentos ou produtos são comercializados?
9. Quais são in natura e quais processados?
10. Quais as perspectivas para o futuro da propriedade e da família?
11. Pretendem aumentar a produção e comercialização?
12. O que os motivou a entrar na feira e quais as expectativas em relação à feira?

APÊNDICE B -**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO****Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “A comercialização de alimentos da agricultura familiar no município de Vila Lângaro /RS” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** “A comercialização de alimentos da agricultura familiar no município de Vila Lângaro /RS” – **do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “Identificar e analisar a influência da comercialização em circuitos curtos para agricultores familiares de Vila Lângaro-RS. Caracterizar o perfil socioeconômico de agricultores familiares do município de Vila Lângaro-RS. Identificar quais os canais de comercialização que vem sendo utilizados pelos agricultores familiares e outras possíveis iniciativas ou experiências utilizadas por estes. Analisar a influência da comercialização por meio de circuitos curtos para os agricultores familiares de Vila Lângaro-RS”.

A minha participação consiste na recepção do aluno “Ana Cláudia Kauer Cambrus” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e a da propriedade/agroindústria para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

(Vila Lângaro/RS), ____ / ____ /2017.